

Quinta-feira 26 de Julho

Timothy RADCLIFFE

«Vai e faz tu também o mesmo (Lucas 10,37)»

Estes últimos dias foram cheios de palavras. Vocês tiveram de ouvir as minhas enfadonhas palavras e, espero, trocado palavras mais interessantes uns com os outros. Mas as últimas palavras convidam-nos a passar das palavras aos actos. «Vai e faz tu também o mesmo». Deixemos que a palavra se torne carne.

Em Nova York fez-se uma experiência. Pediu-se a um grupo de seminaristas que preparassem uma homilia sobre a parábola do Bom Samaritano para aprenderem a pregar. Eles prepararam os seus textos num edifício e, a seguir, tiveram de descer a rua e ir para um estúdio, onde se faria a gravação em vídeo. Um actor vestiu-se de homem ferido caído no passeio coberto de sangue, pedindo ajuda. Oitenta por cento deles passaram por ele e nem sequer o viram. Estudaram a parábola e até compuseram belíssimas palavras sobre ela, mas foram capazes de passar pelo ferido e ignorá-lo.

Como muito bem disse o Cardeal Martini: «Embora as Equipas de Nossa Senhora não sejam um Movimento de acção, querem ser um Movimento de gente activa»¹. Que nos impede de agir? Talvez, diante do sofrimento do mundo, nos sintamos incompetentes. Que diferença pode fazer a minha insignificante pessoa? Mahatma Gandhi disse: «O que quer que façam será insignificante, mas é importante que o façam». Cada um de nós deverá fazer a sua pequena boa acção. Com a graça de Deus, ela pode mudar o mundo.

Pensem em Rosa Parks, uma americana negra que, em 1955, se recusou a ceder a um branco o seu lugar num autocarro. Um acto muito pequeno, decidido no momento, abanou o mundo e contribuiu para acabar com a segregação racial. Um dominicano irlandês, Herbert McCabe, andava em viagem na África do Sul no tempo do apartheid, quando os brancos ocupavam a parte da frente dos autocarros e os negros a parte de trás. Herbert deliberadamente foi sentar-se num banco na parte traseira, e foi interpelado pelo revisor. «O senhor não se pode sentar aqui». «Por que não?». «Porque é branco». Ele respondeu: «Não sou branco, sou irlandês».

Há quem acuse a hierarquia da Igreja. Se, ao menos, a Igreja fosse diferente, eu poderia fazer alguma coisa. Se a Igreja reconhecesse o papel dos leigos, poderíamos agir. Mas pensem em Sta. Catarina de Sena no séc. XIV. Ela encontrava-se diante de uma Igreja dividida em duas, com um Papa a viver no exílio em Avignon, e foi ter com o Papa e disse-lhe o que ele devia fazer! Disse a Raymond Capua, Mestre da Ordem dos Dominicanos que, com o fogo do amor divino, «seremos construtores em vez de inactivos e destruidores»². Muitas das pessoas que transformaram a Igreja, como S. Bento e S. Francisco, não eram ordenados. A transformação vem, geralmente, do povo de Deus.

¹ Encontro dos Responsáveis de Sector da Itália 1988.

² Mary O'Driscoll OP *Catherine of Siena: Passion for Truth and Compassion for Humanity* New York 1993, p. 48.

Muitas vezes, a nossa tentação é não agir mas reagir. A minha mulher quer ver um filme na televisão e eu decido que quero ver o futebol. Não porque queira realmente vê-lo, mas só para ela saber que eu também tenho os meus desejos. Ou então agimos por medo, como o sacerdote e o levita, que não ousaram tocar o homem ferido.

Agir bem enraíza em deixar germinar nos nossos corações a Palavra que Deus pronunciou. Deus pronunciou uma palavra de graça e ela realizar-se-á. Deus diz em Isaías: «O mesmo sucede à palavra que sai da minha boca: não voltará para mim vazia, sem ter realizado a minha vontade e sem cumprir a sua missão» (Isaías 55,11).

A palavra de Deus não pode ser frustrada. O amor e a vida vencerão. Se estivermos atentos à palavra activa de Deus e a deixarmos trabalhar nos nossos corações, descobriremos o que nos é dado a fazer.

S. Tomás de Aquino, que, estou certo, todos vocês estudam todos os dias, disse uma coisa maravilhosa. Disse que agimos moralmente quando agimos «como seres inteligentes, dotados de vontade própria e como fonte das nossas acções». Devemos reivindicar a nossa liberdade para sermos fonte das nossas acções. Agimos bem quando agimos a partir do âmago do nosso próprio ser, porque é aí que Deus está, a fazer-nos fortes. Deus não quer que os seus filhos e as suas filhas sejam uns fracos!

Assim, a nossa missão neste mundo de relações desfeitas é ajudar as pessoas a tornarem-se actores, fonte das suas próprias acções. Muitas vezes, a tentação é pensar que somos vítimas. Até há competição para saber quem é a maior vítima. É fácil reivindicar que se é vítima dos fracassos do nosso parceiro, dos nossos pais, dos nossos genes. Jesus foi a verdadeira vítima inocente, mas era livre!

Jesus diz: «Vai e faz tu também o mesmo» e não «Vai e faz a mesma coisa». Não diz ao doutor da Lei o que ele tem de fazer. Ele é que tem de o descobrir. Será inesperado, mas, se deixarmos a Palavra de Deus germinar nos nossos corações, acabaremos por o descobrir. Que Deus nos dê a coragem de o fazer!